

MERCADO DE TRABALHO AINDA AQUECIDO EM 2025 SINALIZA VIRADA LENTA

Desocupação em níveis historicamente baixos, emprego dinâmico e renda real elevada marcaram 2025, mesmo em um ambiente de juros altos e atividade em leve desaceleração.

Ao longo de 2025, os indicadores de emprego confirmaram a dinâmica de um mercado de trabalho ainda aquecido, caracterizado pela expansão da população ocupada que, apesar da redução do ritmo de crescimento no segundo semestre do ano, conjugada ao baixo dinamismo da taxa de participação, tem possibilitado sucessivas quedas da taxa de desocupação. Os ganhos reais de rendimento e a melhora nos indicadores de fragilidade estrutural do emprego compõem o quadro de resiliência, mesmo diante de um ambiente macroeconômico marcado por juros elevados e atividade econômica em leve desaceleração. No Rio Grande do Sul, a conjuntura do mercado de trabalho acompanhou o desempenho nacional. Em 2025, o estado apresenta desemprego historicamente baixo, expansão da formalização e manutenção dos níveis elevados de renda das famílias.

Brasil: desemprego em mínima histórica e transformações na força de trabalho

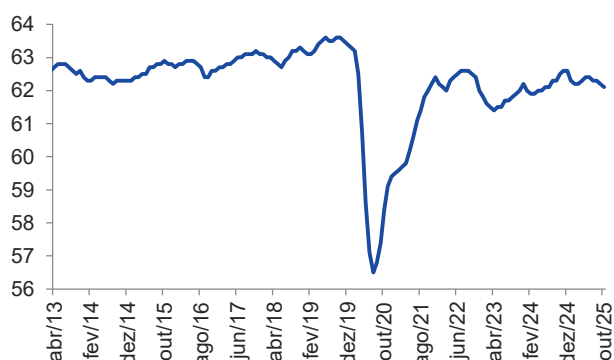
O mercado de trabalho brasileiro em 2025 apresentou um desempenho particularmente favorável, mesmo em um contexto macroeconômico marcado por juros elevados e desaceleração moderada da atividade econômica. A combinação entre expansão da ocupação, aumento da geração de vínculos formais e recuperação da renda real permitiu consolidar e aprofundar o ciclo de melhora iniciado em 2023, fortalecido ao longo de 2024 e mantido em 2025. As evidências provenientes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) e dos registros administrativos do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) indicam que o país encerra 2025 operando com um dos menores níveis de desemprego de sua história recente, caracterizando um mercado de trabalho ainda aquecido e resiliente.

Ao longo de 2025, a população ocupada seguiu a trajetória de ampliação observada no ano de 2024, ainda que em patamar ligeiramente inferior. No trimestre móvel encerrado no mês de junho de 2025, a população ocupada brasileira alcançou 102,4 milhões de pessoas, um crescimento de 2,4% em relação ao mesmo período do ano anterior e apenas 0,5 ponto percentual abaixo da expansão registrada naquele período (+2,9%). Apesar dos sinais de desaceleração já no início da segunda metade do ano, a ocupação acumula dezoito trimestres consecutivos de crescimento. A manutenção desse elevado ritmo de expansão da população ocupada foi determinante para que o desemprego recuasse, atingindo 5,4% no trimestre móvel encerrado em outubro de 2025, o menor nível da série histórica. Ao que tudo indica, diferentemente de episódios anteriores de desaceleração econômica, a queda recente da desocupação decorre da expansão do nível de emprego, e não da retração da procura por trabalho.

Apesar da expansão do nível de ocupação, a taxa de participação, proporção da população em idade ativa que está empregada ou em busca de trabalho, manteve-se relativamente estável ao longo de 2025, atingindo 62,3% no trimestre móvel encerrado em junho. Esse desempenho indica que a redução da desocupação ocorreu mesmo sem uma expansão

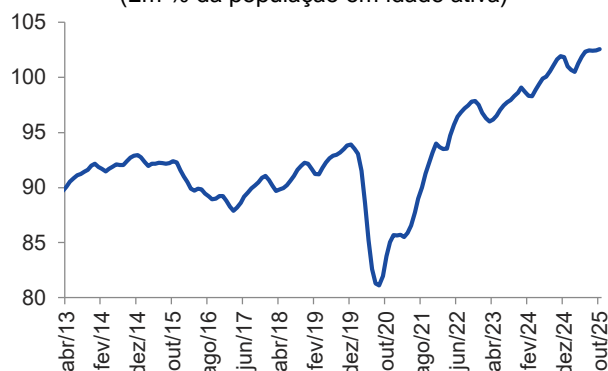
significativa da força de trabalho. O baixo dinamismo da taxa de participação é evidenciado pelo seu patamar que permanece inferior à média de 63,4% observada no período pré-pandemia, entre 2018 e 2019, e reflete um comportamento menos dinâmico da entrada de trabalhadores no mercado. Nesse contexto, entre 2023 e 2025, a força de trabalho do país avançou a uma taxa média anual de cerca de 0,8%. Esse desempenho pode refletir restrições estruturais, decorrentes tanto do envelhecimento da população quanto do crescimento do número de pessoas inativas que não apresentam interesse em ingressar no mercado de trabalho.

Gráfico 5.1. População ocupada – BR
(Em milhões de pessoas)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Gráfico 5.2. Taxa de participação – BR
(Em % da população em idade ativa)

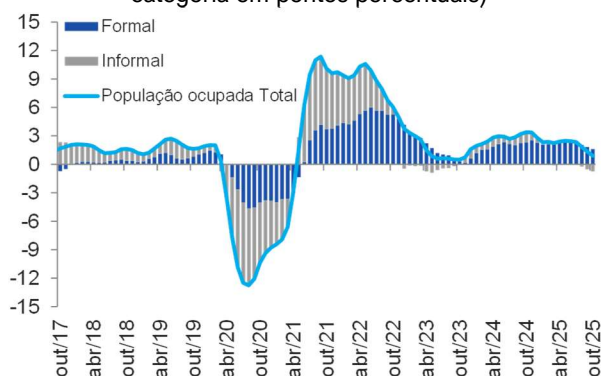


Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

É interessante destacar ainda que a relação entre a taxa de participação e a desocupação, que contribuiu para a redução do desemprego ao longo de 2023, apresentou mudanças em 2024 e 2025. Enquanto parte da queda da taxa de desemprego em 2023 resultou da retração da taxa de participação, o crescimento da população ocupada nos últimos anos tem sido um ponto positivo do mercado de trabalho. Em outras palavras, a recuperação do nível de ocupação e da taxa de participação no período pós-pandemia foi interrompida em meados de 2022 e, a partir desse momento até o final do primeiro semestre de 2023, a queda da desocupação ocorreu não tanto pelo aumento da ocupação, mas pela diminuição da taxa de participação na força de trabalho. A partir do segundo semestre de 2023, entretanto, essa dinâmica mudou, e a queda do desemprego passou a ser impulsionada efetivamente pelo crescimento da ocupação.

Gráfico 5.3. Variação da população ocupada por categoria formal x informal – BR

(Variação % interanual da PO e contribuição de cada categoria em pontos percentuais)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERSG.

Nota: o mês se refere à última competência do trimestre móvel.

Gráfico 5.4. Renda média real mensal habitual de todos os trabalhos – BR

(Em R\$)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERSG.

Nota: o mês se refere à última competência do trimestre móvel.

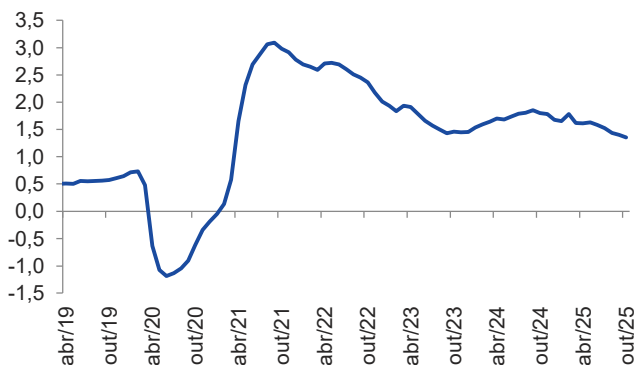
Embora a expansão da ocupação seja expressiva, o comportamento da população fora da força de trabalho tornou-se um dos elementos marcantes da dinâmica recente. Em 2025, esse contingente, formado por pessoas que não trabalham e não buscam trabalho, atingiu um dos maiores níveis da série histórica, alcançando 66,1 milhões de pessoas no trimestre móvel encerrado em outubro, patamar inferior apenas ao observado entre 2020 e 2021, durante a pandemia da Covid-19. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, a proporção daqueles que não desejam retornar ao mercado de trabalho também aumentou, passando de 85,7% em 2023 para 86,9% em 2025. Esse movimento decorre de múltiplos fatores. O envelhecimento acelerado da população amplia o número de indivíduos que se retiram de forma definitiva da atividade produtiva. Além disso, a oferta restrita de serviços de cuidado mantém elevada a taxa de inatividade entre mulheres, especialmente as de menor escolaridade. Soma-se a isso o efeito dos programas de transferência de renda que, ao garantirem suporte financeiro sem exigir participação ativa no mercado de trabalho, podem reduzir os incentivos à busca por ocupação. Esse conjunto de fatores indica que a redução da taxa de participação não é circunstancial, mas reflete transformações demográficas e sociais.

Em relação a sustentação do elevado nível da ocupação, observa-se um avanço significativo do emprego formal, configurando um desdobramento positivo do mercado de trabalho brasileiro. Após a queda inicial da ocupação provocada pela pandemia, os postos informais, que haviam sido os mais impactados pelas restrições sanitárias, lideraram a recuperação. Entre meados de 2021 e meados de 2022, empregos formais e informais dividiram o protagonismo e, a partir desse período, o crescimento passou a ser impulsionado majoritariamente pelos vínculos formais. Assim, em setembro de 2024, enquanto o número de trabalhadores informais se situava 2,7% acima do nível pré-pandemia (setembro de 2019), o emprego formal registrava expansão de 12,5% no mesmo intervalo.

A decomposição da população ocupada (Gráfico 5.3) reforça essa tendência. Ao longo de 2025, especialmente no terceiro trimestre, o crescimento da ocupação formal foi disseminado entre as categorias, com destaque para os trabalhadores com carteira assinada, que avançaram 2,4% na comparação anual, e para os trabalhadores por conta própria com CNPJ, que cresceram 7,4%. Em sentido oposto, a ocupação informal recuou 1,8% no período. Ainda que a taxa de informalidade permaneça elevada representando 37,8% da população ocupada, o equivalente a cerca de 39 milhões de trabalhadores, observa-se arrefecimento em relação a 2024 (38,9%). Essa

melhora qualitativa do mercado de trabalho também se manifesta na redução da subocupação e do desemprego de longa duração, indicando maior absorção da força de trabalho em postos mais estáveis e completos.

Gráfico 5.5. Geração de empregos formais – BR
(Saldo líquido em milhões de vagas | Acum. em 12 meses)



Fonte: MTP/ Novo CAGED. Elaboração: UEE/FIERGS.

Nota: dados ajustados com as declarações excluídas e fora do prazo.

Tabela 5.1. Geração de empregos formais por setores – BR

(Saldo líquido em mil vagas)

	Acum.			
	2024	12 meses até out/25	2025*	2026*
Agropecuária	11	35	31	24
Indústria	416	274	244	185
Transformação	282	156	139	105
Construção	109	93	83	63
Extrativa e SIUP**	24	25	22	17
Serviços	1.252	1.042	925	702
Total da economia	1.678	1.352	1.200	911

Fonte: MTP/Novo CAGED. Elaboração: UEE/FIERGS.

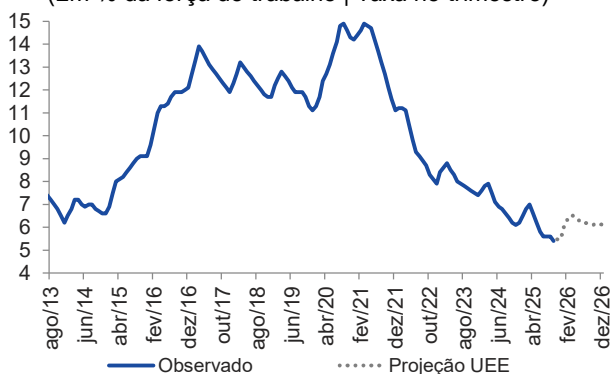
*Previsão UEE/FIERGS. **Serviços Ind. de Utilidade Pública.

Nota: dados ajustados com as declarações fora do prazo.

O rendimento do trabalho é impactado pela dinâmica citada. Em particular, os dados mostram que, após a forte queda observada ao longo de 2021, o rendimento real passou a apresentar sinais de recuperação gradual, alcançando, em 2023, o patamar observado antes da crise sanitária. Segundo a PNAD Contínua, o rendimento médio real habitual atingiu R\$ 3.528 em outubro de 2025, aumento de 3,9% na comparação anual, favorecido por inflação mais baixa e por maior pressão por mão de obra em alguns segmentos. A combinação entre a elevação do nível de ocupação e o aumento do rendimento tem impulsionado a massa de rendimentos reais habituais, soma das remunerações de todos os trabalhadores, que alcançou R\$ 357 bilhões, evidenciando crescimento de 5,0% na comparação interanual, ampliando o poder de compra das famílias e sustentando o desempenho do mercado interno.

Os dados do Novo Caged confirmam um cenário de crescimento da ocupação formal no Brasil, com a geração de empregos permanecendo robusta ao longo de 2025, embora tenham surgido sinais de desaceleração a partir do final do terceiro trimestre. A geração líquida de empregos no acumulado do ano até outubro atingiu 1,4 milhão, valor inferior ao observado no mesmo período de 2024 (1,8 milhão). A maioria dos setores, com exceção dos Serviços Industriais de Utilidade Pública, apresentou desaceleração em relação ao ano anterior. Para o ano de 2025, apesar da desaceleração observada desde o segundo semestre, evidenciando uma virada lenta do mercado de trabalho, o Brasil deve gerar 1,2 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. Se confirmado, esse resultado ficará abaixo do observado em 2024 (+1,7 milhão) e inferior ao acumulado em 12 meses até outubro (+1,4 milhão).

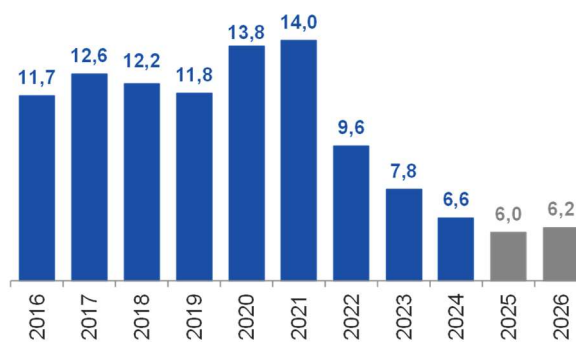
Gráfico 5.6. Taxa de desemprego – BR
(Em % da força de trabalho | Taxa no trimestre)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Nota: os pontos em cinza são as projeções para o quarto trimestre de 2024 e 2025. O mês se refere a última competência do trimestre móvel.

Gráfico 5.7. Taxa média de desemprego – BR
(Em % da força de trabalho | Taxa anual média)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

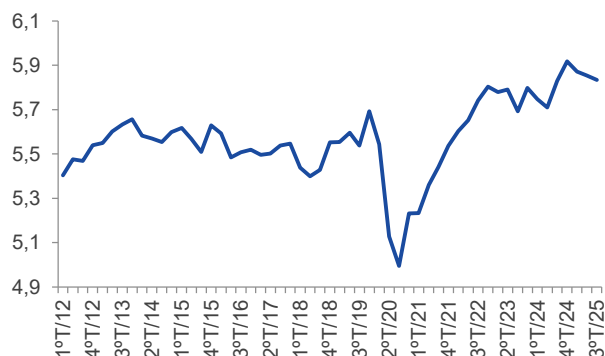
Em síntese, o mercado de trabalho brasileiro encerra 2025 com uma combinação rara de elevada ocupação, queda do desemprego, aumento da formalização e altos níveis de rendimentos. Contudo, a estabilidade da taxa de participação e o crescimento da população inativa sinalizam desafios estruturais relevantes. Para 2025, projetamos que a taxa de desemprego se mantenha em níveis próximos aos observados na segunda metade do ano, atingindo 5,5% em dezembro. Para 2026, espera-se a continuidade desse cenário positivo, embora em ritmo mais lento, refletindo uma virada gradual do mercado de trabalho. Antecipamos um aumento típico da taxa no início do ano, seguido de queda ao longo dos meses, encerrando 2026 em 6,1%. Apesar dessa elevação no final do ano, a média anual deve se aproximar à de 2025, em torno de 6,2%. Da mesma forma, a geração líquida de emprego é estimada em 911 mil de novos postos de trabalho.

Rio Grande do Sul: desocupação em níveis historicamente baixos, avanço da formalização e renda ainda em patamares elevados

A conjuntura econômica do Rio Grande do Sul acompanha o desempenho da conjuntura nacional. Segundo dados da PNAD Contínua Trimestral do IBGE, a taxa de desocupação no estado foi de 4,1% no terceiro trimestre de 2025, renovando o menor patamar desde o início da série histórica em 2012. Esse resultado representa uma redução de 1,0 ponto percentual em relação ao mesmo período de 2024 e é inferior ao desemprego de 4,3% observado no trimestre anterior. Em termos absolutos, o contingente de desocupados no estado atingiu cerca de 248 mil pessoas, posicionando o Rio Grande do Sul entre os oito estados com as menores taxas de desemprego do país, abaixo da média nacional de 5,6% para o período.

A taxa de participação no mercado de trabalho registrou retração para 65,0%, recuando 1,0 ponto percentual em relação ao terceiro trimestre de 2024, enquanto a população fora da força de trabalho aumentou 3,5%. Esses movimentos sugerem que parte da redução no desemprego pode estar associada à saída de pessoas da força de trabalho, seja por desalento ou transição para outras atividades, e não apenas à geração de empregos formais.

Gráfico 5.8 População ocupada – RS
(Em milhões de pessoas)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Gráfico 5.9 Taxa de participação – RS
(Em % da população em idade ativa)



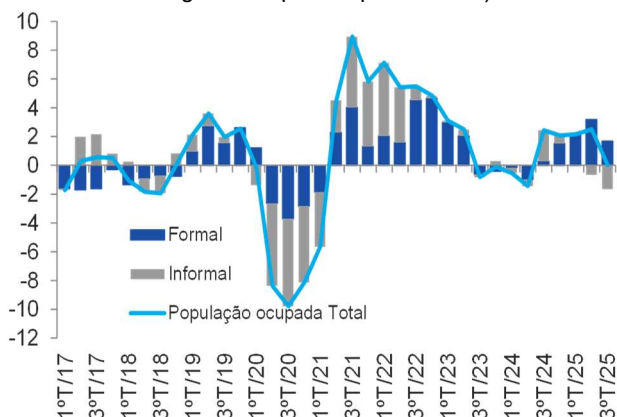
Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Quanto à estrutura ocupacional, a expansão da força de trabalho ocupada no Rio Grande do Sul em 2025 apresentou um perfil distinto do observado no ano anterior. Em 2024, a ampliação da ocupação informal (2,7%) havia superado tanto o crescimento da ocupação formal (2,2%) quanto o da ocupação total (2,4%) no terceiro trimestre, em comparação ao mesmo período de 2023. Esse padrão, recorrente em contextos de choques econômicos, reflete a maior sensibilidade das ocupações informais às flutuações conjunturais, ainda que os vínculos formais exerçam influência mais determinante sobre a dinâmica agregada do emprego (Gráfico 5.10).

Em 2025, desde o primeiro trimestre, o crescimento das ocupações formais passou a superar o das informais e o da ocupação total, alcançando, no terceiro trimestre, alta de 2,5% em relação ao mesmo período de 2024. No mesmo intervalo, a ocupação informal recuou 5,0%, enquanto o nível total de ocupação permaneceu estável (0,0%). Esse desempenho contribuiu para que o estado mantivesse uma das menores taxas de informalidade do país, de 31,4% no terceiro trimestre de 2025. Ao longo do ano, observou-se um avanço consistente da formalização. A redução da informalidade foi particularmente intensa entre os trabalhadores do setor privado sem carteira assinada, cuja ocupação diminuiu 15,9% na comparação interanual. Esse movimento sinaliza o fortalecimento da formalização e da estabilidade do mercado de trabalho gaúcho, consolidando uma trajetória de geração de empregos de melhor qualidade.

Gráfico 5.10. Variação da população ocupada por categoria formal x informal – RS

(Variação % interanual da PO e contribuição de cada categoria em pontos percentuais)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Tabela 5.2 Variação da população ocupada por posição da ocupação e categoria formal x informal – RS

(Em %)

	Var. % 1º tri 2025/2024	Var. % 2º tri 2025/2024	Var. % 3º tri 2025/2024
Empregado no setor privado	3,9	3,9	0,1
Formal	4,0	5,0	4,5
Informal	3,4	-0,5	-15,9
Trabalhador doméstico	-2,5	4,5	3,0
Formal	-9,6	21,3	15,9
Informal	-0,3	-0,4	-1,3
Empregador	5,3	6,3	-8,9
Formal	7,7	7,2	-10,3
Informal	-10,7	-0,4	2,9
Conta própria	-4,0	-3,3	2,0
Formal	-6,2	-3,4	2,1
Informal	-2,6	-3,2	1,9
Total	2,2	2,5	0,1

Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

O rendimento médio real habitual dos ocupados, no segundo trimestre de 2025, foi de R\$ 3.875, apresentando alta real de 5,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. Paralelamente, a massa de rendimentos, soma de todos os salários pagos aos trabalhadores, totalizou R\$ 22,2 bilhões, com avanço de 5,6% na comparação com igual trimestre de 2024. Esses resultados indicam que, além da expansão do emprego, houve ganho real de renda, fortalecendo o poder de compra e a capacidade de consumo das famílias gaúchas.

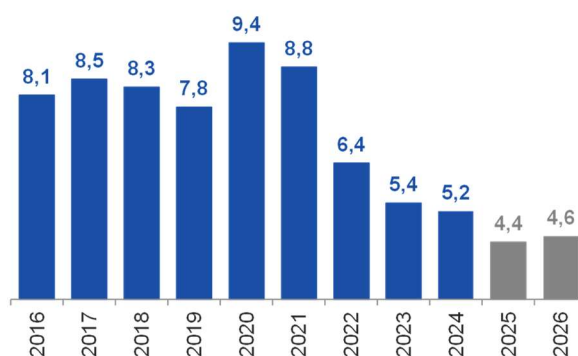
Na perspectiva histórica, os rendimentos médios reais habituais dos ocupados evidenciaram, em 2021, um processo de queda, em um contexto de aceleração inflacionária. Já em 2022 ocorreu a recuperação dos rendimentos reais a partir do segundo trimestre, movimento que se estendeu até o terceiro trimestre de 2023, quando voltaram a crescer.

Gráfico 5.11. Taxa de desemprego – RS
(Em % da força de trabalho | Taxa no trimestre)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.
Nota: os pontos em cinza são as projeções para o quarto trimestre de 2024 e 2025.

Gráfico 5.12. Taxa média de desemprego – RS
(Em % da força de trabalho | Taxa anual média)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

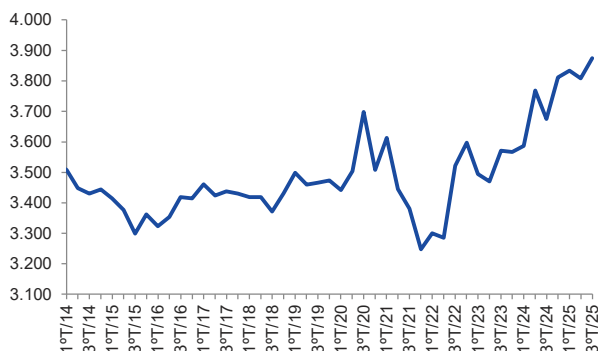
O desempenho do mercado de trabalho gaúcho, no que tange ao segmento formal, é analisado com base nas estatísticas do Novo CAGED. No acumulado dos 12 meses até outubro de 2025, a economia gaúcha registrou a criação líquida de 60,8 mil vínculos formais e deve encerrar 2025 com um saldo de 51,5 mil vagas criadas, sendo 41,2 mil nos serviços e 10,3 mil na indústria (Tabela 5.3). Se confirmado, esse resultado ficará abaixo do observado no ano anterior (+60,8 mil) e também inferior ao acumulado dos 12 meses até outubro.

Embora o mercado formal tenha mantido saldo positivo no acumulado anual, o final de 2025 revela perda de tração, especialmente em função da deterioração do emprego industrial e de choques externos que afetam setores-chave da estrutura produtiva gaúcha. O período menos favorável na geração de empregos ocorreu em outubro, quando o estado apresentou saldo negativo de 256 vagas, o primeiro resultado negativo para o mês desde 2015. Em contraste, outubro de 2024 havia registrado a criação de 14,1 mil postos de trabalho.

Ainda assim, o acumulado até outubro permanece positivo, com destaque para os Serviços (+49,7 mil), seguidos pela Indústria (+9,2 mil) e pela Agropecuária (+1,9 mil). A reversão mensal foi determinada principalmente pelo desempenho da Indústria, que fechou 5.961 vagas em outubro. A Indústria de Transformação, responsável pelo encerramento de 5.607 postos, foi impactada por uma combinação de fatores estruturais e conjunturais, incluindo o atraso no ciclo de beneficiamento da safra de tabaco (-2.612), a retração em setores exportadores pressionados pelas tarifas dos Estados Unidos, como Couro e Calçados (-1.063), Máquinas e Equipamentos (-

735), Veículos automotores (-412) e Produtos de metal (-297), além da queda na produção de máquinas agrícolas em polos tradicionais do estado.

Gráfico 5.13. Renda média real mensal habitual de todos os trabalhos – RS
(Em R\$)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: UEE/FIERGS.

Tabela 5.3. Geração de empregos formais por setores – RS
(Saldo líquido em mil vagas)

	2024	Acum. 12 meses até out/25	2025*	2026*
Agropecuária	-0,5	1,9	0,5	1,5
Indústria	13,6	9,2	10,3	7,0
Transformação	4,1	8,1	8,2	6,1
Construção	6,7	0,3	1,5	0,3
Extrativa e SIUP**	2,7	0,8	1,0	0,6
Serviços	50,4	49,7	41,2	37,6
Total da economia	63,5	60,8	51,5	46,0

Fonte: MTP/Novo CAGED. Elaboração: UEE/FIERGS.
*Previsão UEE/FIERGS. **Serviços Ind. De Utilidade Pública.

Em 2025, o mercado de trabalho do Rio Grande do Sul mantém um quadro de desemprego em níveis historicamente baixos, avanço da formalização e ganhos reais de renda. A sustentação desse desempenho dependerá da continuidade de políticas de qualificação profissional, estímulo à formalização e ampliação dos investimentos produtivos. Por outro lado, a estabilidade da taxa de participação e a expansão da população fora da força de trabalho apontam desafios estruturais, associados ao desalento e à subutilização. Para o encerramento de 2025, projeta-se que a taxa de desemprego no estado permaneça em patamar reduzido, alcançando 4,2%, com a criação de cerca de 46 mil novas vagas, concentradas sobretudo no setor de serviços (37,6 mil), seguido pela indústria (7 mil).

Tabela 5.4. Perspectivas – Brasil
(Geração de postos formais de trabalho | Em mil vínculos)

	2024	2025*	2026*
Agropecuária	11	31	24
Indústria	416	244	185
Transformação	282	139	105
Construção	109	83	63
Extrativa e SIUP**	24	22	17
Serviços	1.252	925	702
Total da economia	1.678	1.200	911
Taxa de desemprego Em %			
Fim do ano	6,2	5,5	6,1
Média do ano	6,6	6,0	6,2

Fonte: MTP/Novo CAGED. IBGE/PNAD Contínua. * Previsão UEE/FIERGS. **Serviços Industriais de Utilidade Pública.

Tabela 5.5. Perspectivas – Rio Grande do Sul
(Geração de postos formais de trabalho | Em mil vínculos)

	2024	2025*	2026*
Agropecuária	-0,5	0,5	1,5
Indústria	13,6	10,3	7,0
Transformação	4,1	8,2	6,1
Construção	6,7	1,5	0,3
Extrativa e SIUP**	2,7	1,0	0,6
Serviços	50,4	41,2	37,6
Total da economia	63,5	51,5	46,0
Taxa de desemprego Em %			
Fim do ano	4,5	4,2	4,7
Média do ano	5,2	4,5	5,0

Fonte: Fonte: MTP/Novo CAGED. IBGE/PNAD Contínua. * Previsão UEE/FIERGS. **Serviços Industriais de Utilidade Pública.